

CURRICULO CULTURAL
RAIMUNDO NONATO FERREIRA
(PRESIDENTE DE HONRA DA ESCOLA)

Quando era criança, Raimundo Nonato Ferreira (foto) “queria ser tanta coisa...”. Filho de agricultores, migrou de Marco (206 quilômetros de Fortaleza) para dar corda à infância, na casa de uma tia, rua Padre Guerra, Parquelândia. “Querida viver na animação”, respondeu (responde) à vida. Ruim de futebol, mas bom de samba, inventou um bloco como escola. Concluiu o primeiro grau; a faculdade, ele fez entre a Parquelândia e o Planalto Pici. Em cada morada que pousa, Raimundo Nonato abriga o Carnaval.

O presidente da Escola de Samba Imperadores da Parquelândia abre a porta do estreito sobrado da rua Alagoas com a mão “cheia de cola”. Espécie de alquimista, transformava papelões e pedras falsas em esplendores e coroas. “Isso aqui é como se fosse uma faculdade. Você fica criando, desmancha uma coisa, faz outra”, mostra as estantes, as mesas, os armadores de rede repletos de penas e plumas. Raimundo Nonato, Artesão e sapateiro de profissão, é diplomado em fantasias e adereços. Sabe multiplicar o verde, o vermelho e o branco da bandeira da escola em arco-íris.

O menino do Interior cresceu para ser presidente. Se não era o dono da bola, fez uma herança de tamborins, pandeiros, cuícas: “Os outros iam abandonando, casando, e eu, ficando... Comprávamos um instrumento fiado, pra dois ou três pagar. Não pagavam. Eu ia pagar e doava o instrumento para a escola de samba, aumentando a bateria. Rua Padre Guerra, ano 1975: dali partia o bloco de sujos de 25, 30 adolescentes, rumo ao curso da Aguanambi. “Era só a curriola”, refaz seu Raimundo, os 16, 17 anos.

Primeiro, brincavam como a turma do Capim Gordura. Com seu Raimundo puxando o bloco, passaram a se chamar Mocidade Independente de Padre Guerra, “eu morava lá”. Até que foram convidados a participar, oficialmente, do Carnaval de rua. E a escola ganhou samba e corpo: Imperadores da Parquelândia. “Tiramos Padre Guerra porque ficava muito reduzido a mim. Botamos um nome que abrange o bairro”, determinou o presidente. Isso, em 1981. Tempos de bingo, rifa, piquenique, tertúlias para arrecadar dinheiro para a confecção de fantasia e adereços, o grande objetivo era colocar a escola na avenida. Ora na casa de seu Raimundo, ora na “churrascaria exclusiva pra gente fazer, o Besouro de Verde. Foi como começamos”.

A churrascaria ainda é ponto de encontro dos Imperadores da Parquelândia. É lá que comemoram o desfile, campeões, ou não. “Quando desfila legal, terminou, acaba o estresse. A gente fica satisfeito, o cansaço já era. Já ganhamos o título!”, festeja seu Raimundo. A propósito, na sede da escola de samba, estão os quatro troféus dos vice-campeonatos de 1993 a 96.

Artesão e Comerciante nos outros dias do ano (tem uma loja de variedades no Jardim Guanabara), o presidente da Imperadores da Parquelândia conformou-se em torcer futebol pelo rádio. Trocou o estádio de futebol pela avenida iluminada. Foi cowboy, entre tantas outras coisas. E continua realizando o sonho de infância, todo fevereiro. “Quando chega perto dos palanques, vem aquela emoção. Assim, como um artista quando vai entrando no palco”.